



THE GREAT LIGHTS OF THE AREA

HOSPITAL MIGUEL BOMBARDA

1968

DOCUMENTA

fotografias de José Fontes
organização de António Fernando Cascais e Margarida Medeiros

HOSPITAL
MIGUEL BOMBARDA

1968

HOSPITAL
MIGUEL BOMBARDA

1968

fotografias

José Fontes

organização

António Fernando Cascais

Margarida Medeiros

DOCUMENTA

Este livro teve apoio no âmbito do Projecto Cultura Visual da Medicina
(HC/0110/2009)

© SISTEMA SOLAR, CRL (DOCUMENTA)
RUA PASSOS MANUEL, 67 B, 1150-258 LISBOA

fotografias © JOSÉ FONTES

texto © ANTÓNIO FERNANDO CASCAIS

texto © MARGARIDA MEDEIROS

1.ª EDIÇÃO, OUTUBRO 2016

ISBN 978-989-8618-39-9

REVISÃO: CRISTINA GUERRA

DEPÓSITO LEGAL N.º 000000/16

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: GRÁFICA MAIADOURO SA

RUA PADRE LUÍS CAMPOS, 586 E 686, VERMOIM

4471-909 MAIA

PORTUGAL

ÍNDICE

António Fernando Cascais Margarida Medeiros APRESENTAÇÃO	9
BREVE APRESENTAÇÃO DO FOTÓGRAFO JOSÉ FONTES	13
Margarida Medeiros ROSTOS EM TRANSIÇÃO: A FOTOGRAFIA E O GESTO DE DOCUMENTAR O OUTRO	15
José Fontes FOTOGRAFIAS	25
António Fernando Cascais A COLECÇÃO JOSÉ FONTES NA HISTÓRIA DO HOSPITAL MIGUEL BOMBARDA	97

António Fernando Cascais
Margarida Medeiros

Quando o médico José Fontes fez a sua colecção de fotografias da vida quotidiana do Hospital Miguel Bombarda no final da década de sessenta, a corrente institucionalizadora dos doentes mentais continuava a prevalecer e, em alguns países, ainda se registaram nessa época picos históricos de internamento. Embora as correntes antipsiquiátricas fortemente críticas da institucionalização começassem a fazer-se ouvir e o recurso aos psicofármacos se comesse a generalizar, potenciando uma antiga tendência despsiquiatrizadora que hoje se sabe ter sempre acompanhado afinal a própria teoria e prática psiquiátrica, não era então nada certo que as já perceptíveis mudanças nas concepções de prestação de cuidados de saúde mental fossem de molde a levar à completa obsolescência, e conseqüente desaparecimento, do hospital-asilo de que o Miguel Bombarda constituía ao mesmo tempo um símbolo e uma eminente realização material. Significa isto que as imagens fotográficas de José Fontes ignoram, porque não lhes seria dado saber no momento de serem feitas, tanto o destino iminente daquilo que registavam, como o seu próprio valor enquanto documento que o passar do tempo multiplicaria de forma exponencial, até se tornarem no património absolutamente precioso que doravante são.

Actualmente transformado em espaço museológico, mas cuja preservação não se encontra definitivamente garantida, desse mundo restam decerto os fantasmas que de forma muito palpável assombram quem visite as instalações do antigo hospital, mas não só: as vidas que foram as deles pertencem para sempre a uma história que é a que habita cada um de nós e que ao mesmo tempo constitui o nosso património comum. A sua perda definitiva, ou o seu esquecimento, constituiriam pois nada menos do que um atentado à possibilidade de nos entendermos como comunidade.

Impõe-se a este propósito reconhecer que memória nunca é apenas «memória», mas o

sustentáculo da nossa identidade presente e sem a qual não sabemos entender-nos nem projectar-nos no tempo que nos cabe viver. Eis porque a colecção fotográfica de José Fontes integra, de forma proeminente, múltiplas histórias, em círculos progressivamente alarga-

9

dos: a do Hospital Miguel Bombarda, a da ciência psiquiátrica nacional e a da prestação de cuidados de saúde mental, e, mais amplamente, a da medicina e da ciência portuguesa plenamente inserida no contexto internacional, a história da cidade de Lisboa e, por aí, a do próprio País.

Das largas centenas de fotos que registam tanto a experiência vivida da doença como as concepções que presidiram à prática do internamento e organizaram a intervenção terapêutica e a vida quotidiana da instituição, e que também não deixam de revelar as percepções e atitudes sociais relativas à doença e ao doente, à loucura e à sanidade, à norma e ao desvio a ela, seleccionou-se o conjunto que integra o presente livro.

A colecção de imagens recolhidas por José Fontes, incentivado por quem lhe conhecia a paixão pela fotografia, foi desenvolvida em 1968, quando se encontrava a fazer internato no Hospital Miguel Bombarda, convidado por um terapeuta ocupacional que aí exercia. José Fontes seguiria um outro percurso, bem afastado da Psiquiatria, estabelecendo-se como radiologista. A fotografia, contudo, foi sempre uma prática que o ocupou e a sua envolvência com o Hospital através dela terá certamente tornado a sua rotina médica um pouco mais suportável, se considerarmos a violência e a entropia que o mesmo conseguiu registar e que marcava, certamente, o dia-a-dia da instituição hospitalar. Esta colecção chegou ao nosso conhecimento aquando das pesquisas levadas a cabo no âmbito do Projeto de I&D da Fundação para a Ciência e Tecnologia HC/0110/2009 — «História da Cultura Visual da Medi-

cina em Portugal», que teve por instituição de acolhimento o Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens da Universidade Nova de Lisboa e entre cujos produtos finais se inclui este livro. No espólio do Hospital Miguel Bombarda, uma série de caixas negras continha um pequeno conjunto de ampliações 40 x 60 de fotografias magníficas!

Depois de encontrado o seu autor, confirmou-se que a série de imagens por ele tiradas nesse período ascendiam a mais de quinhentas. Impunha-se proceder a uma selecção do vasto conjunto, dada a impossibilidade de o dar a público na sua totalidade, mas a escolha, mesmo depois de eliminadas algumas redundâncias, provou ser extremamente difícil, dada não só a qualidade fotográfica dos espécimes como a exaustiva documentação que abrangia todas as áreas de intervenção do hospital, as diferentes alas, a rotina das refeições, as horas perdidas dos doentes pelos pátios, as terapias ocupacionais...

Neste sentido, e porque era necessário chegar a um número de cerca de uma centena, optámos por escolher as mais significativas do ponto de vista documental e composicional, mas sem perder de vista a necessidade de poder proporcionar, com este livro, uma perspectiva

abrangente do dia-a-dia do Hospital. Alguns espécimes, que inicialmente estavam incluídos, acabaram por ser retirados porque foi também uma preocupação nossa não sobrecarregar este livro com demasiadas imagens monstruosas ou chocantes e respeitar também a preocupação ética de evitar a sobreexposição dos doentes em situações pouco dignas, como acontecia, frequentemente, e por razões de ordem vária, no quotidiano do Hospital. Mas era fundamental escolher um conjunto que reunisse a extraordinária capacidade de José Fontes para captar o clima do Hospital e que fosse, ao mesmo tempo, um marco na história do documentalismo português, ou seja, encontrar um equilíbrio entre

forma e conteúdo, como a colecção merece. Sobram por tudo isto as razões para a publicação do presente livro.

BREVE APRESENTAÇÃO DO FOTÓGRAFO JOSÉ FONTES*

JOSÉ FRANCO MILHEIRIÇO DE ANDRADE FONTES nasceu em Maio de 1940 em Abrantes, cidade à qual está ligado pessoal e profissionalmente.

Frequentou o ensino liceal, até ao 4.º ano, no Externato D. Francisco D'Almeida, fundado por seu Avô, Dr. António Milheiriço (médico), e instituído por alvará régio de 22 de Fevereiro de 1908, instituição esta que viria a ser dirigida por seu Pai, Dr. Alberto Fontes (médico). Veio para Lisboa, tendo frequentado o 5.º ano no Colégio Moderno e o 6.º e o 7.º ano no Liceu Camões.

Iniciou a frequência do Curso de Medicina na Faculdade de Medicina de Lisboa. Foi membro da Comissão Pró-Associação de Estudantes e aí fundou a Secção de Intercâmbio e Turismo. Continuou a frequência do Curso de Medicina em Coimbra e nesse período,

conjuntamente com António Portugal, virtuoso guitarrista e aluno de Direito, fundou a Secção Fotográfica da Associação Académica de Coimbra.

Organizou cursos de fotografia conjuntamente com os médicos Dr. António Maia Júnior, Dr. Franklin de Figueiredo, Dr. Rui Cunha e com o Professor de História da Arte da Universidade de Coimbra Prof. Doutor Luís Reis Santos**.

Voltou a frequentar a Faculdade de Medicina de Lisboa, tendo sido convidado pelo Prof. Doutor Armando Ferreira, director do Instituto de Anatomia Normal, para dirigir o departamento fotográfico (primeiro como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e depois como bolseiro do Instituto de Alta Cultura). No Instituto de Anatomia montou um serviço de radiologia e um departamento de microangiografia para apoio a doutorandos e outros investigadores.

Paralelamente, como associado do Foto Club 6 x 6 (membro do International Federation of Fotografic Art — FIAP), fez parte do seu Conselho Artístico e participou em concursos nacionais e internacionais, tendo igualmente efectuado exposições individuais.

* Médico radiologista.

** Luís Reis Santos (1898-1967) — Historiador, crítico de arte e investigador sobre processos científicos no exame de obras de arte, utilizando técnicas com raios X e fotografia com raios infra-vermelhos e luz rasante na pintura.

Em 1968, foi contactado pela terapeuta ocupacional D. Maria Etelvina de Brito, no sentido de efectuar reportagem fotográfica sobre a cultura hospitalar intramuros — «Neurose Institucional», retratando patologias que florescem em instituições fechadas (hospitais psiquiátricos, asilos, prisões, conventos).

Desta forma, acompanhado pela terapeuta ocupacional Etelvina de Brito e pela médica psiquiátrica Dr.^a Adília Ribeiro, viveu as rotinas das 24 horas do quotidiano hospitalar.

Das mais de 500 fotografias, foram escolhidas algumas que estiveram em exposição no átrio do Hospital, tendo conseguido sensibilizar alguns membros do governo de então a ponto de estes atribuírem um subsídio à área da «saúde mental».

Algumas dessas fotografias estão arquivadas no museu do Hospital Miguel Bombarda. As terapeutas ocupacionais Ana Catarino e Isabel Castro Tavares iniciaram, em 2004, um trabalho para edição de um álbum de «Memórias do Hospital Miguel Bombarda», utilizando cerca de 100 fotografias, previamente comentadas pelo pessoal clínico e por outras individualidades a quem foram enviadas com pedido de comentário.

Em Novembro de 2012, o médico psiquiatra Dr. Pedro Cintra publicou um livro intitulado *Miguel Bombarda — «Preservar a Memória»* com cerca de 50 dessas fotografias.

Do entusiasmo da Prof. Doutora Margarida Medeiros e do Prof. Doutor António Fernando Cascais da Universidade Nova de Lisboa, nasceu este livro com fotografias do Hospital Miguel Bombarda.

Recentemente, no âmbito do programa cultural do «Festival Todos», foi, no próprio Hospital Miguel Bombarda, efectuada uma exposição de fotografias, acompanhada por projecções sonorizadas, as quais tiveram assinalada presença de visitantes interessados.

Na sequência deste evento teve lugar uma outra exposição destas mesmas fotografias, nas instalações do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.

De há longos anos, o Departamento da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa tem manifestado interesse na preservação e divulgação deste acervo fotográfico, em termos de interesse público.

Esperamos e desejamos que através destas fotografias os seus destinatários possam sentir a mensagem que o autor quis transmitir sobre as vivências então experimentadas.

ROSTOS EM TRANSIÇÃO:
A FOTOGRAFIA E O GESTO DE DOCUMENTAR O OUTRO

Margarida Medeiros

A tradição da fotografia documental está intimamente ligada à emergência de uma atitude observacional perante o Outro, de um paradigma que atravessa as Ciências do Homem desde o século XIX e ao qual, à medida que o avanço tecnológico o permitiu, se associou a prática da fotografia, numa época em que, como bem salientou Jonathan Crary, «a tangibilidade do mundo é essencialmente óptica» (Crary, 1991).

Documentar o Outro, de um ponto de vista social, psicológico ou cultural, significa poder circular com a câmara pelo exterior do atelier, cruzar-se com realidades em movimento, mas significa também a assunção desse paradigma observacional, herdeiro das Ciências da Natureza que emergem no século XVIII. O registo visual e mecânico fornecido pelo retrato, que se instaura com a cultura do daguerreótipo, alimentando uma cultura do retrato burguês já iniciada na pintura, só é possível, durante a primeira década, na absoluta imobilidade e, mesmo depois da invenção das placas de gelatina nos anos 70 do século XIX, a velocidade dos obturadores não permitia ainda que o improvisado se instalasse na produção de retratos. É somente na década de 80 que é possível a realização de imagens mais instantâneas e, a partir dos anos 70, com lâmpadas de magnésio, é possível fotografar no interior.

Se a fotografia se interessou desde cedo pelas questões sociais só podemos observá-lo de forma sistemática a partir de projectos como os de Jacob Rijs, o dinamarquês emigrante em Nova Iorque na última década do século XIX que, com o auxílio de um *flash*, pôde entrar nas habitações degradadas onde se alojavam os emigrantes na cidade de Nova Iorque; ou de Lewis

Hine, o americano que lutou, através da fotografia e nos jornais, contra o trabalho infantil e que documentou obras tão emblemáticas do capitalismo desenvolvido como a construção do Empire State Building (1930-1931); ou com Benoliel, o português que, para além dos grandes acontecimentos, fotografou todo o género de pessoas. A razão deste atraso foi sobretudo técnica: ausência de *flash* para obter iluminação em zonas escuras, como o eram particularmente as zonas pobres das cidades do século XIX, obturadores com velocidades não compatíveis com o movimento, máquinas muito pesadas, etc. Este facto reflecte-se nos poucos trabalhos conhecidos de fotografia de guerra: Roger Fenton (1819-1869), fotógrafo inglês, esteve na

15



Roger Fenton, *Valley of the Shadows of Death*.

Guerra da Crimeia (1853-1856) mas, para além de fotografias de coronéis sentados e de acampamentos, deixou-nos a célebre fotografia *Valley of the Shadows of Death*, no qual não vemos movimento de guerra, mas apenas os seus efeitos — um vale cheio de balas de canhão. Igualmente, as fotografias de Matthew Brady (1822-1896) na Guerra Civil Americana mostram-nos apenas mortos, provavelmente colocados estrategicamente no enquadramento, o que dá a estas imagens um aspecto *cenográfico*, encenado, estático. Por conseguinte, apesar da vocação transversal e transdisciplinar das aplicações da fotografia desde o seu início, as questões sociais e institucionais que implicavam fotografias de conjuntos humanos e sobretudo no exterior, raramente aparecem nas colecções de fotografias das primeiras décadas.

No entanto, isso não significa que elas não ocupem lugar na representação visual através da gravura, do desenho e da pintura desde a Revolução Francesa, ecoando ao longo do século XIX as questões políticas e sociais das quais os escritos de Proudhon, Marx e Engels são o espelho crítico. Quadros conhecidos como *Les Glaneuses* de Jean-François Millet (1857), a gravura de Honoré Daumier *Carruagem de Terceira Classe* (1864) ou *Homens Partindo Pedra* de Gustave Courbet (1849), entre muitos outros, são apenas alguns exemplos da

mas Planché de Gustave Courbet (1815), entre muitos outros, são apenas alguns exemplos da forma como a temática do trabalho social e das condições de vida das classes baixas atravessou o naturalismo do século XIX.

De igual modo, o avanço das ciências humanas no campo da Psicologia e Psiquiatria coloca a representação do comportamento e sua expressão na ordem do dia, numa época em que a noção de Eu domina a compreensão do sujeito e em que, como refere o estudo seminal de Richard Sennett¹, a questão das «aparências» se torna central nas relações intersubjectivas. Ao mesmo tempo, a própria noção de Eu e de intimidade retrospectiva ganha terreno na experiência quotidiana.

A centralidade das aparências manifesta-se desde as últimas décadas do século XVIII, aquando do Tratado de Fisiognomonia (1775-1778) de Lavater (1741-1801)², muito popular no início do século XIX, bem como da constituição da Psicologia e da Psiquiatria como disciplinas científicas cuja prática assenta na descrição de sintomas a partir da observação. É a representação visual dos problemas psicológicos faz-se também já na pintura realista e naturalista das primeiras décadas do século XIX, com títulos que remetem claramente para a medicalização de certos comportamentos como o roubo compulsivo, a fuga, a angústia ou a cólera. Exemplos conhecidos são o *Homem Desesperado* (1844-1845) de Gustave Courbet, ou a galeria de retratos de «manias» de Théodore Géricault, tais como *Cleptomaniaco* (1822), *A Inveja* ou *La Hyène de la Salpêtrière* (1819-1820), dez retratos realizados a pedido do seu amigo Étienne-Jean Georget, chefe de serviço e pioneiro em Psiquiatria no Hospital da Salpêtrière.

¹ Cf. Richard Sennett, *The Fall of the Public Man* (Nova Iorque: Arno Press, 1978).

² Cf. Johannes Caspar Lavater, *Physiognomische Fragmente zur Beförderung der Menschenkenntnis und Menschenliebe* (1775-1778). Este tratado partia do ponto de vista de que é possível extrair «o interior a partir do exterior», ou seja, que o carácter de uma pessoa pode ser conhecido através do estudo da sua expressão. Para tal Lavater desenvolveu uma sistematização de géneros de expressões, tomando como base gravuras existentes e reproduções de esculturas desde a Antiguidade clássica. O livro teve enorme impacto e sucesso, chegando a ser publicado, no início do século XIX, um «Lavater portátil»: *The Pocket Lavater — or, The Science of Physiognomy* (Londres, 1832). Para uma abordagem abrangente da Fisiognomonia ao longo dos séculos, cf. Courtine e Haroche, *História do Rosto* (Lisboa: Teorema, 1988).

Referências

- Cooper, David. *Psychiatry and Anti-Psychiatry*. Londres: Paladin, 1967.
- Cooper, David. *The Language of Madness*. Londres: Penguin, 1978.
- Courtine, Jean-Jacques e Claudine Haroche. *História do Rosto*. Lisboa: Teorema, 1992.
- Crary, Jonathan. *Techniques of the Observer — On Vision and Modernity on XIX Century*. Cambridge/Massachusetts: The Mit Press, 1991.
- Darwin, Charles. *The Expression of the Emotions in Man and Animals*. Londres: John Murray, 1872.
- Didi-Huberman, Georges. «Le visage et la terre». *Revue Artstudio* n.º 21 — *Le Portrait Contemporain*, Verão 1991, 6-21.
- Gunning, Tom. «In Your Face: Physiognomy, Photography, and the Gnostic Mission of Early Film». *Modernism/Modernity* 4.1 (1997), 1-29.
- Jackson, D. «The study of the family». *Family Process*, 4 (1), (1965) 1-20.
- Laing, Ronald David. *Knots*. Londres: Penguin, 1970.
- Sennett, Richard. *The Fall of the Public Man*. Nova Iorque: Arno Press, 1978.
- Showalter, Elaine. *Hystories/Hysterical Epidemics and Modern Culture*. Londres: Macmillan, 1997.
- Watzlawick, Paul, Beavin Bavelas, Janet e Don D. Jackson. *Pragmatics of Human Communication: A Study of Interactional Patterns, Pathologies, & Paradoxes*. Nova Iorque: W.W. Norton, 1967.
- Zaretsky, Eli. *Le Siècle de Freud: une histoire sociale et culturelle de la psychanalyse*. Paris: Albin Michel, 2008.

FOTOGRAFIAS

José Fontes





25















50

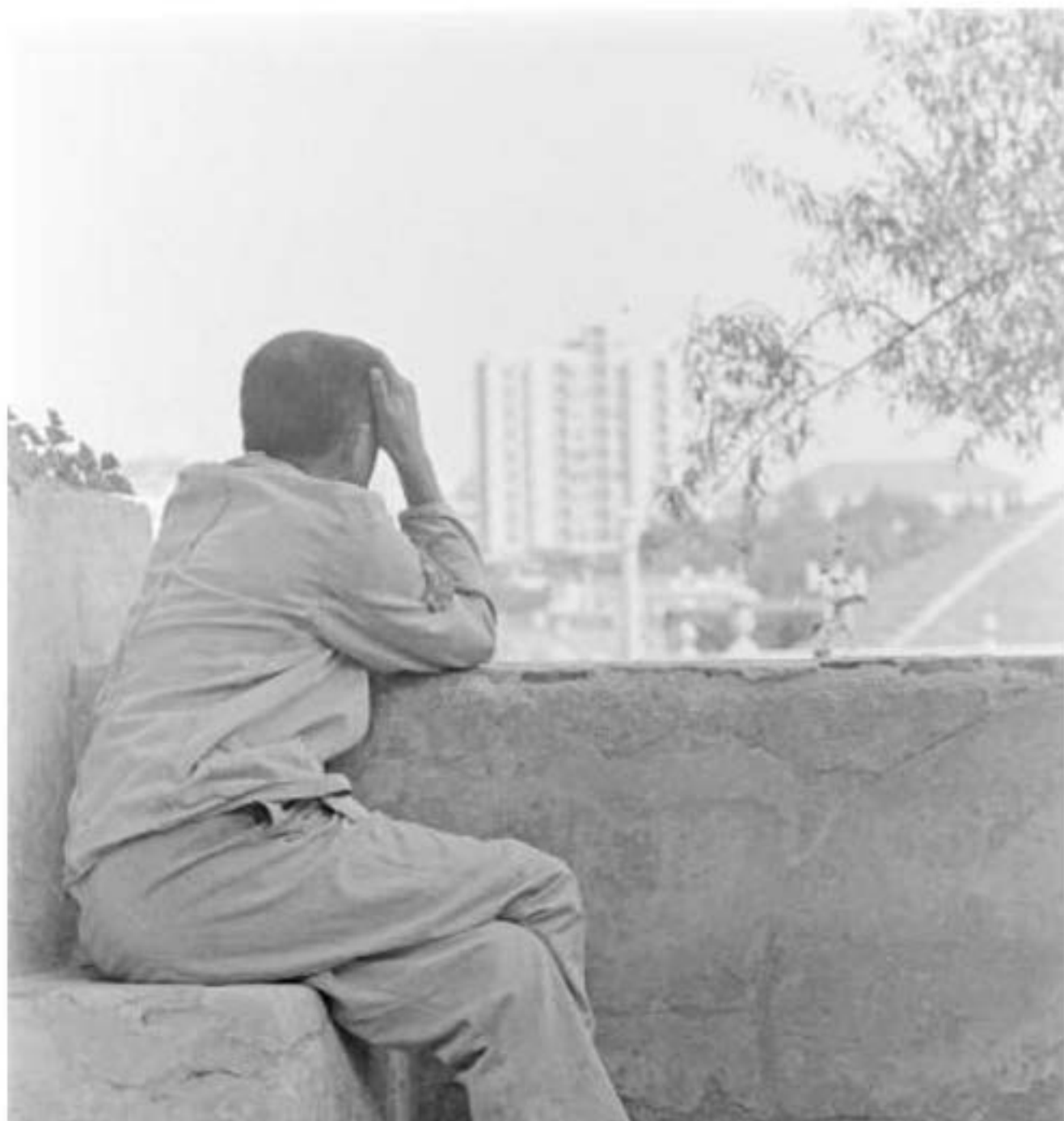




51





















59









61











64



















A COLECÇÃO JOSÉ FONTES NA HISTÓRIA DO
HOSPITAL MIGUEL BOMBARDA

António Fernando Cascais

Do Hospital de Rilhafoles ao Manicómio Miguel Bombarda

«Os abismos
constroem destinos cruéis que atravessam séculos. (...)
Falo dos abismos dos sonhos que seduzem a quem os sonha,
a esse em que abandona a alucinação que construiu ao redor
da sua ideia de si o eu empalçado
e àquele que, na travessia do sonhar,
abandono-me a quem em mim sonha persistente
e abismos sonha»

Horácio Costa: «Abismos» (in *Ravenalas*, p. 11)

Muito tinha mudado desde a fundação do Hospital de Rilhafoles em 1848, quando o médico José Fontes fez o conjunto de fotografias de que se seleccionou a pequena fracção que integra o presente livro. Nem por isso as imagens deixam de transportar consigo o lastro dessa história de cento e vinte anos, que nelas literalmente se dá a ver tanto nos adquiridos que sedimentam um como nas roturas que estratificam a outra. Trata-se pois de situar a colecção fotográfica de José Fontes no contexto, mas de modo nenhum de fazer, porque muito oportunamente foram já empreendidas, tanto a memória do Hospital Miguel Bombarda (Cintra: 2012a), como um aspecto particular dela (Freire: 2009), bem assim como de convocar, para o efeito, alguns dos adquiridos do âmbito mais geral da história da ciência psiquiátrica portuguesa e da prestação de cuidados de saúde aos pacientes psiquiátricos em Portugal.

A história da pioneira instituição confunde-se com a história da assistência psiquiátrica aos doentes mentais em Portugal, sem contudo a esgotar de modo nenhum. O problema a que a sua fundação pretende dar resposta e que é invocado como fundamento de legitimidade dela pelo Marechal Duque de Saldanha, Primeiro-Ministro da rainha D. Maria II, no decreto que apresenta à aprovação da soberana, é a necessidade imperativa de proporcionar instalações

dignas para alojar os pacientes internados até então em duas enfermarias do Hospital de S. José, cuja inspecção o tinha horrorizado a tal ponto que não hesita em compará-las, para pior, a «prisões de feras em todos os pátios de bichos» (cit. por Amaral, 1948: 44). A assinatura do decreto que, em 14 de Novembro de 1848 (Cintra, Santos, Nogueira, 2012: 22), cria o Hospital de Alienados de Rilhafoles no espaço do antigo convento da extinta Congregação dos Missionários de S. Vicente de Paula, até aí ocupado pelo Colégio Militar que o mesmo documento legal transfere para Mafra, deveria assim pôr termo a discussões sobre uma indis-

pensável reforma que se prolongavam no seio da comunidade médica. Impulsionadas pelas «lutas doutrinárias e de esclarecimento dos médicos da época, reunidos na progressista Sociedade de Ciências Médicas» (Fernandes, 1984: 249), nelas participaram nomes tão proeminentes da Medicina nacional como Bernardino António Gomes (Amaral, 1948: 45; Fernandes, 2013: 379; Jara, 1999: V), que tinha efectuado uma missão de estudo a estabelecimentos psiquiátricos europeus da qual resultara um relatório (Fernandes, 1984: 252-253; Freire, 2009: 37; Gomes, 1999; Jara, 2012: 23) destinado a instruir essa reforma. Na verdade, não era tanto de reformar algo inexistente, mas sim de inaugurar a modernidade na assistência psiquiátrica nacional, remetendo definitivamente para o passado a terrível realidade já descrita por Joaquim de Abranches Bizarro, considerado o primeiro representante da psiquiatria científica portuguesa e director das velhas enfermarias psiquiátricas do Hospital de S. José: «Contemplar o passeio incerto e turbulento de 140 alienados no escuro corredor, frio e húmido, berrando e gesticulando, é um triste painel da miséria humana» (*Id.*, 41).

A persistente associação da loucura a imagens de horror remonta, porém, a épocas bem mais longínquas. Os primeiros registos do internamento de loucos em Portugal datam de 1539, em Lisboa, no Hospital de Todos os Santos, havendo notícia de terem sido alojados em espaço contíguo à morgue até ao incêndio que destruiu as instalações e, na sequência do terramoto de 1755, nas cocheiras do Conde de Castelo-Melhor, até acabarem por ir parar em 1775 ao Hospital de S. José (AAVV, 1948: 21-26; Cintra, Santos, Nogueira, 2012: 18; Fernandes, 1984: 250-251; Sena, 2003: 94; Zêzere, 1955: 29-31). De lá saem enfim os doentes para o recém-fundado Hospital de Rilhafoles, que constitui assim a primeira instituição a ser criada com o exclusivo propósito da prestação de cuidados aos pacientes psiquiátricos, antes que para o mesmo efeito só posteriormente se viesse a construir de raiz o Hospital do Conde de Ferreira, no Porto (Fernandes, 1984: 255). A primeira direcção de Rilhafoles é atribuída a Francisco Martins Pulido, por cujas mãos o pensamento de Pinel e de Esquirol entra em Portugal (Jara, 2012: 29; Sena, 2003: 113-114), e a quem António Maria de Sena atribui igualmente o mérito da excelência da adaptação das antigas instalações, das quais apresenta

um quadro radioso e quase idílico no primeiro relatório onde relata os auspiciosos inícios do funcionamento da instituição (Sena, 2003: 94).

Porém, a sua institucionalização não iria lograr a pretendida solução para o problema que a justificava e que a história provou ser-lhe afinal coextensivo. Da precoce degradação do estabelecimento, entretanto superlotado, é dada conta logo nos anos de 1860 pelo próprio punho dos seus primeiros directores e que António Maria de Sena recorda (2003: 117-118, 126-136), reeditando-se até à última década do século XIX (Amaral, 1948: 47, 50; Cid, 1984: 11, 41-47, 70-72; Cintra e Santos, 2012: 41; Cintra, Santos, Nogueira, 2012: 19; Fernandes, 1984: 254-255; Freire, 2009: 18; Oliveira, 2006: 147). Ao assumir a direcção do estabelecimento em 1892 (Cintra e Santos, 2012: 42; Fernandes, 1998: 14), para inaugurar um período que a historiografia médica tem por áureo — «Dum armazém desordenado de alienados, o Hospital de Rilhafoles foi transformado num Hospital Psiquiátrico» (Amaral, 1948: 50) —, Miguel Bombarda compõe o acabrunhante retrato de decrepitude, de imundície e de extrema degradação humana que se lhe deparou. O hospital apresenta-se à sua vontade reformadora como um depósito de refugio humano que não só atenta contra uma ideia de humanidade, como põe à prova, pela repugnância que suscita, a virtude profissional dos próprios clínicos que, mais mal do que bem, literalmente suportam, se e quando suportam, a tarefa de velar por ele (Cintra e Santos, 2012: 43-44; Palha, 2003: 10; Sena, 2003: 95). Idêntico retrato é feito por Barahona Fernandes, quando começa a trabalhar no hospital no início da década de 1930: «Mais viva e — evocando quadros de outras eras — foi a visão terrificante dos velhíssimos e degradados “pátios” de Rilhafoles — uma mescla heterogénea de catatónicos estáticos acinético-estupurosos ou com movimentos estereotipados e abstrusos, de epiléticos “furiosos”, enfim, todas as “espécies” de cronicidade desoladora dos “incuráveis” asilares cuja última esperança era a morte por tuberculose, desinterias, acidentes...» (Fernandes, 1984: 324). Meio século depois de Bombarda, o quadro vê-se repetido. A obra comemorativa do centenário do hospital (AAVV, 1948), bem como a exposição então realizada e de que ainda se conservam no espólio da instituição, pesquisado pelo autor, alguns muito elucidativos painéis que pretendem ilustrar o «antes e o depois» da reforma de 1945, incluem descrições e reproduções foto-



dem ilustrar o «antes e depois» da reforma de 1979, incluem desenhos e reproduções fotográficas do lúgubre panorama de andrajos e pés descalços sobre o pano de fundo de paredes bolorentas e janelas gradeadas que se agravava desde a morte de Miguel Bombarda (Amaral, 1948: 52). As administrações sucessivas de Júlio de Matos e de Sobral Cid, que se seguem àquele, são descritas como de «descalabro» por Almeida Amaral, que nessas condições herda a administração no momento em que se dá início à reforma do hospital, no âmbito mais vasto da Reforma da Assistência Psiquiátrica promulgada pelo Estado Novo com a Lei 2006 de

de pé e alguns internados imobilizados por camisas-de-força. Depois destes artigos, surge uma outra curta peça, assinada por António Baião em 7 de Dezembro de 1908 na revista *Portugal em África*, que reproduz um cenário em tudo idêntico ao retratado por Vítor. Recentemente, enfim, a atenção pública suscitada pelo encerramento do Hospital Miguel Bombarda deu azo à multiplicação de registos, em filme e fotografia, feitos pelos visitantes e pelos profissionais

a manipulação de registo, em filme e fotografia, feitos pelos visitantes e pelos profissionais dos *media* que têm ocorrido ao estabelecimento, entretanto transformado em museu, mas cujo destino é ainda incerto. Têm pugnado pela classificação do conjunto arquitectónico do hospital com o propósito da sua preservação várias associações profissionais e cívicas (Sociedades Portuguesas de Psiquiatria e Saúde Mental, de Neurologia, de Arte Terapia, Associação de Valorização da Colina de Santana, Fórum Cidadania, Província Portuguesa da Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo), entre as quais se destaca, pela persistência e determinação do seu presidente Vítor Albuquerque Freire, a Associação Portuguesa de *Arte Outsider*. Não é pois pela escassez de documentos visuais que há que temer, mas pelo próprio futuro da entidade física do Hospital Miguel Bombarda, inestimável património histórico do País e da cidade de Lisboa cuja conservação não se encontra definitivamente assegurada no momento em que escrevemos, ameaçada que está pelos planos urbanísticos delineados para a zona da Colina de Santana onde ele se situa. O seu desaparecimento ou a sua desvirtuação não constituiriam menos do que um crime de lesa-património.

Onde eu não dance, a solidão fá-lo por mim: Valentim de Barros

«Onde eu não sonhe a solidão fá-lo por mim»

Luís Miguel Nava, *Como alguém disse*.
«Falésias» (in *Poesia Completa*, p. 85)

Do punhado de internados famosos do Hospital Miguel Bombarda, Valentim de Barros é aquele de quem mais há ainda por saber, porque menos segredos teriam as biografias dos outros, com certeza, mas porque muito se deixa adivinhar sob as descrições, relatos e entrevistas que nos restituem a sua história. Todos foram feitos muitos anos decorridos após o início da sua reclusão no Pavilhão de Segurança, de que Lobo Antunes nos dá uma desola-

dora imagem: «Os internados da 8.^a enfermaria, à falta de mulher, penetravam às escondidas com o pénis as nádegas uns dos outros, ou masturbavam-se no refeitório, de boca aberta, manipulando com os pulsos desajeitados os tufos magros da breguilha» (Antunes, 1980: 154). No mesmo tom, de resto não isento de crueldade, Lobo Antunes compõe um retrato de Valentim que, além de confirmar o aspecto que sempre terá mantido a cela por ele ocupada no hospital, entra num terreno de intimidade (se assim é lícito chamar a comportamentos muito publicamente manifestos) que nenhum outro autor tinha ousado invadir: «O Valentim, antigo bailarino, vestido de rapariga, passou por nós a saracotear-se a caminho da rua. Funcionava como mulher dos outros e exibia as nádegas murchas atrás das moitas, soltando gritinhos submissos e patéticos de ovelha, observando numa gula de chupa-chupa os pénis que saíam das breguilhas dos pijamas, ao puxar de um cordel, à laia das pilas dos frades de brinquedo das batinas de barro. Costumava bordar ou fazer croché no seu cubículo atulhado de xailes, de frascos de verniz, de velhos sapatos de salto onde os seus pés, demasiado grandes, se deformavam e torciam» (Antunes, 1980: 162-163). Isto mesmo o confirma Freire: «Habitava uma cela-quarto (...) com o seu rádio, pássaros, imagens de santas e recordações, onde fazia renda e tricot, bordava, confeccionava bonecas com olhos de corista, para vender, e pintava paisagens, bem como cenários de cores vivas e subtis para as festas do hospital» (Freire, 2009: 71). Em 1982, quando o autor do presente texto visitou o Hospital e teve oportunidade de o conhecer por um brevíssimo período, um Valentim já idoso e bastante combalido pela enfermidade vivia ainda rodeado de muitos daqueles objectos, de resto reconhecíveis nas fotografias de José Fontes, a que acrescia um considerável número de bonecas de trapos e de pequenos quadros com pares dançarinos que a enfermeira Rosa de Lurdes exibia para os visitantes com pouca e irónica complacência. Valentim tinha transformado a cela que ocupava naquilo que Goffman definiu como o «território pessoal», que consiste realmente numa estratégia de ajustamento do internado ao hospital psiquiátrico. Trata-se

do espaço em que o indivíduo cria o seu nicho exclusivo, aonde só acedem alguns poucos por si eleitos, onde introduz elementos de conforto e de apego em relação aos quais pode nutrir um certo sentido de propriedade, que a todo o custo preserva da intromissão alheia e sobre o qual pode alimentar um mitigado sentimento de controle, e que lhe proporciona a privacidade e a protecção possíveis no ambiente invasivo da instituição total que é o hospital psiquiátrico (Goffman, 1974: 197-200). No caso de Valentim, isto indiciava um privilégio acessível a poucos internados no Hospital Miguel Bombarda, designadamente aqueles que a veteranaria tinha tornado inofensivos e fiáveis e a quem era reconhecido um estatuto de relativa excepção. Seria, também, e sobremaneira, o que estava ao alcance dos responsáveis

pela instituição fazerem perante uma reclusão de décadas que para eles já não fazia qualquer sentido e um fardo que lhes coubera em herança pelo simplicíssimo facto de Valentim desde há muito já não ter para onde ir. Com certeza que tudo isto nos é dado a ver nas fotografias de José Fontes, mas chega a ser preciso fazermos um esforço para sequer vislumbrarmos na empatia com que elas no-lo oferecem algum do choque causado pelas palavras a que os outros recorrem para compor a figura de Valentim, e por mais diferentes que possam ser as respectivas intenções e visões político-morais. A par dessa singular empatia, o numeroso conjunto de fotografias de José Fontes — que em absoluto são história e são memória — contribuiu para que Valentim seja aquele de quem ficou mais abundante documentação iconográfica. Para além de fonte documental de uma vida que se pretendeu enterrar debaixo de esmagadoras camadas de esquecimento, elas são também as que maior valor estético possuem. Algumas foram reproduzidas na obra *Miguel Bombarda. Preservar a memória*, organizada por Pedro Cintra (2012a), e um diminuto número de cópias dos originais permanece no espólio do Hospital Miguel Bombarda. Valentim figura ainda noutros pequenos conjuntos de foto-



do Hospital Miguel Bombarda. Valentim figura ainda noutros pequenos conjuntos de fotografias que integram esse espólio, nomeadamente no grupo feito em Setembro de 1974 e naquela que será porventura a derradeira fotografia, feita muito próximo do ano de 1986, o seu último ano de vida, para além das fotos para a reportagem feita por Luís d'Oliveira Nunes em 1968, para o *Diário de Lisboa*, e para a entrevista por Maria João Avilez em 1980 para o jornal *Expresso*. Com estas, entramos no terreno da documentação escrita, na qual se inclui ainda o testemunho do jornalista João Leal do Zêzere (1955), internado no Hospital por curto período de tempo. Além dos documentos anteriores, a pessoa de Valentim é sumariamente referida em muito escassos estudos (Almeida, 2010: 55-56; Freire, 2009: 71), e, embora a extensa pesquisa jornalística de Bruno Horta constitua um documento sumamente informativo e detalhado, continua a faltar uma abordagem de fundo que restitua quanto a vários títulos há de relevante na sua biografia.

A sequência cronológica dos textos de Zêzere (1955), Nunes (1968) e Avilez (1980) não só regista o decurso da vida de Valentim, como também possui o imenso valor adicional de patentear a evolução das atitudes sociais relativamente à homossexualidade, veiculadas inclusivamente pelos próprios.

Apoiante entusiasta do regime salazarista e homem de arreigadas convicções católicas que interpreta de forma bastante conservadora, o jornalista João Leal de Zêzere esteve internado durante quatro meses no Hospital Miguel Bombarda para se submeter à malarização, terapêutica de eleição na época para os efeitos psiquiátricos da sífilis, de que ele padecia em estado avançado. Da sua estada no hospital, onde deu entrada em 12 de Setembro de 1953, bem

supera e transcende a vergonha originária consubstancial à homossexualidade. Mais: nada na sua história se oferece à percepção social susceptível de o elevar a algo de superlativamente outro que o salvasse de ter sido o homossexual a quem aconteceu algo de funesto pura e simplesmente por causa disso. Acontece que Valentim é, em tudo e por tudo, o excesso que nada tem de puro e simples. Ele encontra-se naquela posição inicial a partir da qual se desencadeia o movimento que leva da vergonha ao orgulho: a espantosa candura com que não se auto-recrimina, não se autocensura nem se autocontém, por aí mesmo pagando o terrível preço da exposição total à captura pela ciência médica e psiquiátrica, corrobora a convicção actual de que a vergonha é politicamente interessante «porque gera e legitima o lugar da identidade — a questão da identidade — na origem do impulso para o performativo, mas fá-lo sem elevar o espaço dessa identidade ao estatuto de uma essência. Constitui-o como para-ser-constituído, que é o mesmo que dizer já aí para a (necessária, produtiva) desconstrução e desidentificação» (Sedgwick, 2003: 63). É que, ao cumprir, tão rigorosa quanto inadvertidamente, um guião que ele não só não escreveu, como nem sequer lhe era dado saber que o estava a desempenhar, Valentim forneceu a prova viva do insucesso e da impotência médico-científica relativamente à homossexualidade de que a *scientia sexualis* o fazia agente — precisamente porque lhe fez tudo sem conseguir nada. Nesta medida, Valentim encontra-se no grau zero daquilo que hoje se entende por «a “performatividade queer” [que] é o nome de uma estratégia para a produção de sentido e de ser, relativamente à afecção da vergonha e ao posterior facto do estigma que com ela está relacionado» (Sedgwick, 2003: 61). Por tudo isto, o Valentim que nos é devolvido nas imagens de José Fontes, além de humanizar com um nome pessoal a condição de anonimato que em todo o caso submerge os internados no Hospital Miguel Bombarda, dá ainda um contributo absolutamente fundamental para tornar inteligível uma

Bombarda, da ainda um contributo absolutamente fundamental para tornar inteligível uma história e um mundo social e político que transcende de longe o caso individual.

Estamos, e não podemos senão estar, cientes de que a nossa vida só foi possível à custa dessas inumeráveis provações, dessas agonias que perfazem o lastro do presente. Essa história, começamos paradoxalmente a amá-la pelo quanto dela somos e esta se torna na única maneira de podermos conviver com ela em nós, seus filhos e seus últimos produtos e detentores agora, como temos de sê-lo, da sabedoria feroz que nos impede de esquecer, com Herberto Helder, que: «Por vezes tudo se ilumina. / Por vezes sangra e canta. / Eu digo que ninguém se perdoa no tempo. / Que a loucura tem espinhos como uma garganta.» (Poemacto II).

Referências

- AAVV (1948), *Centenário do Hospital Miguel Bombarda, antigo Hospital de Rilhafoles. 1848-1948*. Lisboa: Edição do Hospital Miguel Bombarda (HMB)
- Agamben, Giorgio (2003), *État d'exception. Homo sacer*. Paris: Seuil
- Agamben, Giorgio (2002), *L'usurier. De l'honneur et*
- Bombarda, Miguel (1894), *O Hospital de Rilhafoles e os seus Serviços em 1892-1893*. Lisboa: Livraria Rodrigues
- Butler, Judith (1999), *Gender Trouble. Feminism and the Subversion of Identity*. Nova Iorque & Londres: Routledge
- Butler, Judith (1995), «Sexual Inversions», in Donna C. Stanton (ed.), *Discourses of Sexuality. From Aristotle to AIDS*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, pp. 344-361
- Cardoso, Adelino (2011), «Pinel e a fundação da Psiquiatria», in Philippe Pinel, *Tratado Médico-Filosófico sobre a Alienação Mental* [1801]. Lisboa: Edições Colibri, pp. 13-22
- Cardoso, Carlos Mota (2008), *Nódoas na Alma*. Lisboa: Gradiva
- Cardoso, Carlos Mota (2003), «António Maria de
- Cascais, António Fernando (2004), «Entrar pelos olhos dentro. A cultura visual da medicina», *Revista de Comunicação e Linguagens*, n.º 33, pp. 127-154
- Cascais, António Fernando (2001), «A cabeça entre as mãos: Egas Moniz, a psicocirurgia e o prémio Nobel», in João Arriscado Nunes, Maria Eduarda Gonçalves (orgs.), *Enteados de Galileu? Semiperiferia e intermediação no sistema mundial da ciência*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 291-359
- Castel, Robert (1978), *L'ordre psychiatrique. L'âge d'or de l'aliénisme*. Paris: Minuit
- Cid, J.M. Sobral (1984), *Obras II — Outros temas psiquiátricos. Problemas de ensino e outros temas 1877-1941*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

- Agamben, Giorgio (2002), *L'Homme et de l'animal*. Paris: Payot et Rivages
- Agamben, Giorgio (1999), *Ce qui reste d'Auschwitz*. Paris: Payot et Rivages
- Agra, Cândido da (2008), «A maiêutica da psiquiatria... e da criminologia», in Carlos Mota Cardoso, *Nódoas na Alma*. Lisboa: Gradiva, pp. 11-42
- Almeida, São José (2010), *Homossexuais no Estado Novo*. Lisboa: Sextante Editora
- Amaral, Almeida (1948), «Discurso do Dr. Almeida Amaral, Director do Hospital», in AAVV, *Centenário do Hospital Miguel Bombarda, antigo Hospital de Rilhafoles. 1848-1948*. Lisboa: Edição do HMB, pp. 39-58
- Antunes, António Lobo (1980), *Conhecimento do Inferno*. Lisboa: Editorial Vega, 4.ª ed.
- Araújo, Paulo (2007), *Miguel Bombarda. Médico e político*. Casal de Cambra: Caleidoscópio
- Araújo, Paulo (2005), «Miguel Bombarda e a Assistência Mental em Portugal», in Maria de Fátima Nunes e Norberto Cunha (coord.), *Imagens da Ciência em Portugal. Séc. XVIII-XIX*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, pp. 121-147
- Avillez, Maria João (1980), «A memória de Valentim. Dançou em Berlim, viu Hitler, conheceu Marlene, vive há 43 anos num hospital de "loucos"», *Expresso*, Suplemento Expresso Revista, 10 de Maio de 1980, pp. 18-R-19-R
- Baião, António (1908), «O Hospital de Rilhafoles e os loucos», *Portugal em África*, Vol. XV, n.º 191, pp. 362-363
- Bombarda, Miguel (1899), «Hospital de Rilhafoles. Civilização e assistência dos alienados», *Brasil-Portugal*, n.º 20, pp. 3-4
- Cardoso, Carlos Mota (2003), «António Maria de Sena — Viagem por uma vida» in António Maria de Sena, *Os Alienados em Portugal*. Lisboa: Ulmeiro, pp. 23-68
- Cascais, António Fernando (2014a), «A receção da eugenia alemã em Portugal 1933-1945», in Fernando Clara, Cláudia Ninhos (eds.), *A Angústia da Influência. Política, Cultura e Ciência nas relações da Alemanha com a Europa do Sul, 1933-1945*. Frankfurt am Main: Peter Lang Edition, pp. 157-196
- Cascais, António Fernando (2014b), «A cultura visual da Medicina em Portugal: Um programa de pesquisa», in António Fernando Cascais (org.), *Olhares sobre a Cultura Visual da Medicina em Portugal*. Lisboa: Edições Unyleya
- Cascais, António Fernando (2012), «A cultura visual da Medicina em Portugal: Um programa de pesquisa», in José Azevedo, Moisés Lemos Martins (eds.), *Atas do 7.º SOPCOM. SOPCOM / CETAC.MEDIA da Universidade do Porto*, pp. 2673-2686
- Cascais, António Fernando (2011), «A experimentação humana e a crise da auto-regulação da medicina», in Gustavo P.L. Ribeiro e Ana Carolina B. Teixeira (coords.), *Bioética e Direitos da Pessoa Humana*. Belo Horizonte: Editora Del Rey, pp. 27-52
- Cascais, António Fernando (2009), «O que é um dispositivo?», in António Fernando Cascais, Nuno Nabais e José Luís Câmara Leme (orgs.), *Lei, Segurança, Disciplina. Trinta anos depois de Vigiar e punir de Michel Foucault*. Lisboa: Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, pp. 31-53
- benkian
- Cintra, Pedro (coord.) (2012a), *Miguel Bombarda. Preservar a memória. Fotografia de José Fontes*. Alfragide: Casa das Letras
- Cintra, Pedro (2012b), «O pavilhão de segurança», in Pedro Cintra (coord.), *Miguel Bombarda. Preservar a memória. Fotografia de José Fontes*. Alfragide: Casa das Letras, pp. 55-74
- Cintra, Pedro e Durval, Rui (2012), «Funcionamento do Hospital Miguel Bombarda», in Pedro Cintra (coord.), *Miguel Bombarda. Preservar a memória. Fotografia de José Fontes*. Alfragide: Casa das Letras, pp. 82-120
- Cintra, Pedro e Santos, Ana Paula (2012), «Evolução assistencial no Hospital Miguel Bombarda até 1952», in Pedro Cintra (coord.), *Miguel Bombarda. Preservar a memória. Fotografia de José Fontes*. Alfragide: Casa das Letras, pp. 40-48
- Cintra, Pedro; Santos, Ana Paula e Nogueira, Gabriela (2012), «O surgimento do Hospital Miguel Bombarda», in Pedro Cintra (coord.), *Miguel Bombarda. Preservar a memória. Fotografia de José Fontes*. Alfragide: Casa das Letras, pp. 17-22
- Costa, Rui Manuel Pinto (2009), *O Poder Médico no Estado Novo (1945-1974). Afirmção, legitimação e ordenamento profissional*. Porto: Universidade do Porto Editorial
- Cunha, Manuela Pereira da (1989), «Caracterização das relações entre os universos sociais de uma "instituição total" da cidade de Lisboa: O Hospital Júlio de Matos», *Povos e Culturas*, n.º 3, 1988 — «A Cidade em Portugal — Como se Vive», pp. 467-489

- Cunha-Oliveira, José e Cunha-Oliveira, Aliete Pedrosa (2006), «A relação alienista-alienado nos inícios do século XX», in Ana Leonor Pereira e João Rui Pita (coords.), *Miguel Bombarda (1851-1910) e as Singularidades de uma Época*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC), pp. 89-100
- Curado, Manuel (2007), «O ataque aos tribunais pelos psiquiatras portugueses de oitocentos», *Diacrítica. Filosofia e Cultura*, n.º 21/2, pp. 103-115
- Deleuze, Gilles (1990), *Pourparlers*. Paris: Minuit
- Dias, Tânia; Faria, Rita e Agra, Cândido da (2012), «Elementos para uma história da Criminologia em Portugal», in Cândido da Agra (dir.), *A Criminologia: Um arquipélago interdisciplinar*. Porto: Universidade do Porto Editorial, pp. 77-109
- Fernandes, Barahona (2013), *O Modelo da Personalidade e a Psiquiatria*. Lisboa: Padrões Culturais Editora
- Fernandes, Henrique Barahona (1998), *Antropociências da Psiquiatria e da Saúde Mental. I - O homem perturbado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Fernandes, Henrique Barahona (1984), «A Psiquiatria em Portugal», in P. Pichot e Barahona Fernandes, *Um Século de Psiquiatria e A Psiquiatria em Portugal*. Lisboa: Roche Farmacêutica Química, pp. 237-365
- Foucault, Michel (2013a), *Vigiar e Punir. Nascimento da prisão*. Lisboa: Edições 70
- Foucault, Michel (2013b), *La Société punitive*. Paris: Seuil / Gallimard
- Foucault, Michel (2003), *Le pouvoir psychiatrique*. Paris: Seuil / Gallimard
- Foucault, Michel (1979), *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Gallimard
- Freire, Vítor Albuquerque (2009), *Panóptico, Vanguardista e Ignorado. O pavilhão de segurança do Hospital Miguel Bombarda*. Lisboa: Livros Horizonte
- Freire, Vítor Albuquerque (2007), «Miguel Bombarda: A função e a forma em arquitectura», in Ana Leonor Pereira e João Rui Pita (coords.), *Miguel Bombarda (1851-1910) e as Singularidades de uma Época*. Coimbra: IUC, pp. 125-136
- Garnel, Rita (2006), «A consolidação do poder médico: A Medicina Social nas teses da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (1900-1910)», in Ana Leonor Pereira e João Rui Pita (coords.), *Miguel Bombarda (1851-1910) e as Singularidades de uma Época*. Coimbra: IUC, pp. 77-88
- Gilman, Sander (1996), *Seeing the Insane*. University of Nebraska Press
- Gilman, Sander (1988), *Disease and Representation. Images of Illness from Madness to AIDS*. Ithaca and London: Cornell University Press
- Goffman, Erving (1974), *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva
- Gomes, Bernardino António (1999), *Dos Estabelecimentos de Alienados nos Estados Principais da Europa [1843]*. Lisboa: Ulmeiro
- Horta, Bruno (2014), «Valentim de Barros, o bailarino a quem roubaram a vida», <http://lifestyle.sapo.pt/vida-e-carreira/em-foco/artigos/valentim-de-barros-o-bailarino-a-quem-roubaram-a-vida>
- Jara, José Manuel (2012), «O nascer da Psiquiatria em Estados da Europa e em Portugal», in Pedro Cintra (coord.), *Miguel Bombarda. Preservar a memória. Fotografia de José Fontes*. Alfragide: Casa das Letras, pp. 23-33
- Jara, José Manuel (1999), «Percurso histórico», in Bernardino António Gomes, *Dos Estabelecimentos de Alienados nos Estados Principais da Europa*. Lisboa: Ulmeiro, pp. V-XVI
- Marques, Manuel Silvério (2011), «O carvalho, o mato e a floresta. Das fundações da clínica no Tratado Médico-Filosófico sobre a Alienação Mental», in Philippe Pinel, *Tratado Médico-Filosófico sobre a Alienação Mental*. Lisboa: Colibri, pp. 23-45
- Matos, Júlio de (1902-1903), *Os Alienados nos Tribunais, I, II, III*. Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão
- Moniz, Egas (1945), «Os raios Roentgen na neurologia», *Conferências Médicas, I*. Lisboa: Portugal Editora, pp. 65-127
- Nunes, Luís d'Oliveira (1968), «Está há 30 anos no manicómio o bailarino português que julgava ser Nijinski», *Diário de Lisboa*, 6 de Abril de 1968, pp. 23-24
- (coords.), *Miguel Bombarda (1851-1910) e as Singularidades de uma Época*. Coimbra: IUC, pp. 147-153
- Palha, António Pacheco (2003), «Prefácio» in António Maria de Sena, *Os Alienados em Portugal*. Lisboa: Ulmeiro, pp. 5-21
- Pereira, José Morgado (2006), «A evolução das ideias psiquiátricas em Miguel Bombarda», in Ana Leonor Pereira e João Rui Pita (coords.), *Miguel Bombarda (1851-1910) e as Singularidades de uma Época*. Coimbra: IUC, pp. 69-76
- Pimentel, Irene Flunser e Ninhos, Cláudia (2013), *Salazar, Portugal e o Holocausto*. Lisboa: Temas & Debates
- Pita, António Pedro (2006), «Miguel Bombarda, um intelectual materialista», in Ana Leonor Pereira e João Rui Pita (coords.), *Miguel Bombarda (1851-1910) e as Singularidades de uma Época*. Coimbra: IUC, pp. 41-47
- Quétel, Claude (2010), *Images de la folie*. Paris: Gallimard
- Quintais, Luís (2012), *Mestres da Verdade Invisível*. Coimbra: IUC
- Quintais, Luís (2006), *Franz Piechowski ou a Análítica do Arquivo*. Lisboa: Cotovia
- Royle, Nicholas (2003), *The Uncanny*. Manchester: Manchester University Press
- Santos, Nuno Borja (2011), «O Hospital de Rilhafoles e os asilos de alienados na Europa do século XIX», *Psilogos — Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Professor Doutor Fernando da Fonseca*, Vol. 9, n.º 2, pp. 68-81
- Sedgwick, Eve Kosofsky (2003), *Touching Feeling. Affect, Pedagogy, Performativity*. Durham & London: Duke University Press
- Sena, António Maria de (2003), *Os Alienados em Portugal*. Lisboa: Ulmeiro
- Siebers, Tobin (2010), *Disability Aesthetics*. Ann Arbor: University of Michigan Press
- Victor, Jayme (1899), «Uma visita a Rilhafoles», *Brasil-Portugal*, n.º 20, pp. 5-6
- Zêzere, João Leal de (1955), *No Mundo do Delírio e da Alucinação*. Lisboa: M.G.V.

HOSPITAL MIGUEL BOMBARDA 1968

fotografias de José Fontes
organização de António Fernando Cascais e Margarida Medeiros

A colecção fotográfica de José Fontes integra, de forma proeminente, múltiplas histórias, em círculos progressivamente alargados: a do Hospital Miguel Bombarda, a da ciência psiquiátrica nacional e a da prestação de cuidados de saúde mental, e, mais amplamente, a da medicina e da ciência portuguesa plenamente inserida no contexto internacional, a história da cidade de Lisboa e, por aí, a do próprio País.



centro de estudos
cecl
de comunicação
e linguagens

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DE LISBOA